

Teoria Psicanalítica

Teoria Psicanalítica

> Freud nos conta ter observado uma criança com medo do escuro dizer em voz alta:
> - "Mas fala comigo, titia. Estou com medo!"
> - "Por quê? De que adianta isso? Tu nem estás me vendo."
> Ao que a criança responde:
> - "Se alguém fala, fica mais claro".
>
> **(FREUD: 1895, p. 474)**

Introdução

O saber psicopedagógico surgiu como uma tentativa no sentido de compreender a aprendizagem e seus problemas. Hoje, a psicopedagogia se desmembra em muitos estudos e pesquisas que procuram observar o complexo processo de aprendizagem, que envolve variáveis orgânicas, psicológicas, sociais, pedagógicas e cognitivas. Esse processo se desenrola em todos os ambientes humanos, e no centro dele está o sujeito que aprende.

A complexidade estrutural e funcional do sujeito, sua subjetividade e aprendizagem são temas fundamentais para o campo psicopedagógico.

Na base da construção teórica da psicopedagogia está a psicanálise. A conexão dos conceitos da psicanálise com a psicopedagogia está presente, desde o seu início, na Europa e no Brasil. O sujeito do conhecimento e da aprendizagem, concebido como um sujeito histórico, contextualizado, social e cultural, é também um sujeito dos afetos, dos traumas, dos sintomas. E é a psicanálise de Freud (e também de seus discípulos e estudiosos) que se apresenta como teoria mais adequada para o entendimento deste sujeito.

São fatores constitutivos do processo de aprendizagem os orgânicos, psicológicos, socioculturais e pedagógicos (dentro deste, em especial o vínculo ensinante/aprendente).

Entendemos, portanto, que para aprender o ser humano precisa ter condições físicas adequadas, um equilíbrio emocional, que depende das relações afetivas positivas estabelecidas, meio sociocultural propício que lhe dê estímulos e ao mesmo tempo fomente o crescimento e, por último, uma relação vincular com a pessoa que vai transmitir os conhecimentos, sem a qual não há possibilidade de assimilação de tais conhecimentos, muito menos de ressignificá-los a fim de que a aprendizagem se estabeleça. A aprendizagem se desenvolve dentro de um campo de relações. E é a psicanálise que vai nos sustentar teoricamente para entender e trabalhar com estas relações afetivas.

História da Psicanálise

Sigmund Freud nasceu em 6/5/1856, em Freiberg, Morávia (hoje República Tcheca) e formou-se em medicina pela Escola de Medicina da Universidade de Viena.
Não foi por acaso que a psicanálise nasceu em Viena e ali atingiu a maturidade.

A atmosfera cultural de Viena estimulava a fascinação por doenças mentais e problemas sexuais de forma singular no mundo ocidental. As origens dessa preocupação cultural remontam a história da própria cidade e os interesses e atitudes que dominavam o pensamento das elites culturais de Viena pouco antes e durante o período em que Freud desenvolveu suas revolucionárias teorias sobre a vida emocional. Freud não foi o único inovador em Viena a provocar uma mudança na visão da sexualidade (em geral), das perversões sexuais (em particular) e do tratamento da insanidade.

É surpreendente observar que todos os métodos modernos para tratamento de distúrbios mentais – psicanálise, quimioterapia e tratamento de choque – vieram ao mundo no transcurso de poucas décadas e numa única cidade.
Após a conclusão de seu curso, Freud dedicou-se à filosofia e à neuropatologia e desenvolveu pesquisas sobre a paralisia cerebral com vistas ao esclarecimento das

afasias. Trabalhou com Ernest Brücke, um dos mais famosos fisiologistas de sua época, que havia trabalhado na Universidade de Berlim com Du Bois-Reymond e Helmholtz.

Foi Brücke quem convenceu Freud a não seguir carreira acadêmica, mas, ao contrário, trabalhar na área clínica, como neurologista. Enquanto trabalhava com Brücke, conheceu Josef Breuer (1824-1925), médico e fisiologista. Fez estágio com o neurologista Jean Charcot em Paris, quando teve contato com a técnica de hipnose. Charcot estava no auge da fama graças à sua especialidade em hipnose, ao tratamento da histeria e aos estudos demonstrando a indução da paralisia traumática (ou histérica).

Charcot influenciou enormemente Freud, que abriu sua clínica de neurologia em 1886. Começou a se interessar pelo caráter psicológico das neuroses. Em 1895, publicou com o Joseph Breuer os estudos sobre a histeria. Nesta obra, os dois autores afirmam que os sintomas histéricos são resíduos de ocorrências traumáticas, nos quais um processo afetivo é dirigido para inervações somáticas. Através da hipnose, pode-se descarregar tal afeto.

Em 1880, Breuer começou a tratar uma jovem que, após a morte do pai, a quem era muito ligada, passou a ter problemas como dores de cabeça, paralisias parciais, períodos de excitação, perturbações visuais e dormência. Outros sintomas apareceram mais tarde, incluindo personalidades múltiplas, dificuldades na fala, alucinações bizarras e incapacidade de ingerir líquidos. Em uma das sessões com Breuer, Anna O. mencionou ter visto uma mulher deixar seu cachorro beber água de um copo, o que lhe causou repugnância.

Ao contar o incidente a Breuer, a emoção pareceu ceder e ela conseguiu beber novamente. Breuer aproveitou o acontecido como forma de tratar os outros problemas da paciente. Usando a hipnose, tentava descobrir a causa de cada um dos sintomas físicos ou psicológicos que, quando eram descobertos e trabalhados na psicoterapia, desapareciam. Breuer denominou a sua abordagem de método catártico ou cura

catártica: os sintomas seriam resultado de emoções reprimidas e, se a emoção fosse liberada, deveriam desaparecer.

Em 1882, Breuer havia curado Anna O. de todos os sintomas, ou assim ele o escreveu. O conhecimento do tratamento de Anna O. e as diversas conversas com Breuer sobre o assunto levariam Freud à teoria da psicanálise. Breuer e Freud discordavam a respeito das interpretações desse caso: a interpretação de Freud era muito mais sexual, o que deixava Breuer pouco à vontade.

O caso que trouxe a possibilidade da cura pela fala com Freud foi Sra. Emmy von N. (Fanny Moser –1889), que tinha fobia de animais. O tratamento durou seis semanas. Sra. Emmy pediu que Freud parasse de fazer perguntas e a deixasse falar.

Após estudos e diante de seus casos clínicos, Freud chegou à conclusão que a hipnose criava uma dependência entre paciente e médico e a abandonou. Desenvolveu e começou a empregar o método da associação livre.

Com esse método, chegou à conclusão de que os impulsos sexuais reprimidos na infância é que levam às perturbações neuróticas. Ao afirmar a existência da sexualidade na infância e reconhecer os processos inconscientes, propondo uma técnica especializada para sua exploração, Freud entrou em contradição com a ética, os costumes e a própria psicologia.

Em 1900, Freud publica o ensaio "A Interpretação dos Sonhos", que havia escrito um ano antes. Aqui, pela primeira vez, o sonho era objeto de uma análise científica sistematizada e percebido como portador de um sentimento que era necessário saber desvendar. Este texto é considerado o marco de criação da psicanálise.

Em seu texto "Uma dificuldade no caminho da psicanálise" (1917), Freud nos diz que o narcisismo universal dos homens, o seu amor próprio, sofreu três grandes golpes por porte da pesquisa científica:

1º golpe: **Cosmológico –** imputado por Copérnico no séc. XVI, quando a humanidade percebeu que a Terra não era o centro do universo;

2º golpe: **Biológico –** incitado pelas descobertas de Darwin, que evidenciaram que o homem, além de não ser diferente dos animais, também tem ascendência animal;

3º golpe: **Psicológico** – deferido pela psicanálise, que nos ensina que os nossos instintos sexuais não podem ser totalmente domados pela educação e que os processos mentais são em si inconscientes e só atingem o ego e se submetem ao seu controle por meio de percepções incompletas e de pouca confiança.

Sigmund Freud morre de câncer em Londres, aos 83 anos. De ascendência judaica, Freud tinha deixado Viena em junho de 1938, após as perseguições das quais ele era vítima, por conta da ascensão do nazismo de Hitler. Seus livros são queimados em praça pública em Berlim e a psicanálise é denunciada pelos nazistas como uma "ciência judaica". Seus quatro irmãos permaneceram na Áustria, de onde foram levados aos campos de concentração e mortos.

Sigmund Freud deixa para a humanidade uma vasta obra e hoje faz parte da cultura ocidental, irremediavelmente permeada pela linguagem psicanalítica.

A Psicanálise como Teoria e Técnica

A psicanálise pode ser definida em termos de três conquistas interdependentes de Freud como:

- Um método;
- Uma teoria das neuroses;
- Uma teoria da mente normal.

Teoria da Mente Normal

A vida mental é a função de um aparato composto de várias partes. A mais velha dessas instâncias tem o nome de id. O id está presente desde o nascimento e contém tudo o que foi herdado, incluindo as pulsões.

O id é a parte mais primitiva da mente e a mais inacessível, para a pessoa e para o psicanalista. O id opera totalmente em nível inconsciente, o que significa que o indivíduo não sabe o que quer, e fornece a motivação para realizar esses desejos tão imediatamente quanto possível. Busca prazer e trabalha para evitar a dor. Sua energia de busca de prazer foi chamada por Freud de libido e era vista como uma energia baseada no sexo.

O ego tem o propósito de ajudar o id a satisfazer suas necessidades. Enquanto o id opera com o princípio do prazer, o ego opera de acordo com o princípio da realidade, pesando os custos e benefícios de uma ação antes de decidir agir ou abandonar um impulso. O ego funciona para controlar as pulsões, mas não as inibe. Ele é a parte racional da mente, serve como mediador entre o id e o mundo externo. Ele é o componente executivo da mente.

Enquanto o id existe desde o nascimento e o ego começa a se desenvolver pouco depois, o superego se desenvolve no decorrer da infância, através das experiências da criança, dos ensinamentos dos pais, do ambiente cultural. O superego representa a bússola moral do indivíduo. Diferentemente do ego, que tenta realizar os desejos do id, o superego pode fazer oposição direta ao id, tentando obstruir seus desejos.

Teoria das Neuroses

Quando as demandas de qualquer um desses três fatores – id, mundo externo e superego – sobrepujam o ego, desenvolve-se a ansiedade. As preocupações com as demandas do id dão vazão à ansiedade neurótica. A ansiedade moral é experimentada

a partir das transgressões às restrições impostas pelo superego. A ansiedade objetiva é a expressão que Freud usou para descrever o que é experimentado devido às ameaças advindas do mundo externo. Para lidar com esses tipos de ansiedade, o ego desenvolve mecanismos de defesa (recalcamento, projeção, negação e a formação reativa).

Por definição, os mecanismos de defesa operam em nível inconsciente. Se o indivíduo vivencia algum evento traumático, que resulta em ansiedade, uma maneira de lidar com a ansiedade seria reprimir qualquer memória do evento. Isto é, em essência, um esquecimento inconsciente – o evento não estará mais acessível à consciência.

Freud descreveu o desenvolvimento da personalidade através de uma sequência ordenada de fases psicossexuais, assim chamadas pois cada fase envolveria questões sexuais com as quais lidar apropriadamente.

Fases

- Oral;
- Anal;
- Fálica – onde acontece o Complexo de Édipo;
- Período de latência;
- Genital.

A não resolução do Complexo de Édipo levaria a uma série de neuroses. Para Freud, vários transtornos de personalidade e condições neuróticas existem devido a falhas no funcionamento eficiente conjunto dos três componentes da mente.

Método

A psicanálise descreve um método de tratamento, mas também um método para pesquisa. Não pesquisa experimental, mas exploração da mente – normal ou anormal. Seu método é conhecido como **associação livre**.

O terapeuta tem que procurar por sentidos ocultos no produto da associação livre, coisas que o paciente não tiver a intenção de revelar. Freud usou também a análise dos sonhos e nos conta sobre seu conteúdo manifesto – o sonho como realmente relembrado – e seu conteúdo latente – informação que estava escondida no sonho (seu real significado para Freud).

Para a Psicanálise: "O sonho não é desprovido de sentido, não é absurdo, não pressupõe que uma parte do nosso depósito de ideias esteja adormecido enquanto outro começa a despertar. É um fenômeno psíquico de valor integral e, na verdade, a realização de um desejo; acontece na concatenação das ações psíquicas da vigília, que são inteligíveis para nós, tendo sido montado por uma atividade intelectual altamente complexa".

Os sonhos são via régia para o inconsciente, o caminho através do qual os segredos mais profundos da mente podem ser explorados, segredos que estavam escondidos até mesmo do sonhador pelo mecanismo do recalcamento.

Na situação terapêutica, podemos também apontar a análise da transferência e dos mecanismos de defesa. Entre esses últimos, o recalcamento permanece único em importância. Ele é ajudado por dois processos: resistência e transferência. A resistência ocorre quando, na sessão terapêutica, o paciente se recusa a revelar ou, talvez, até mesmo pensar sobre certo material, por ser algo muito traumático ou embaraçoso. Na transferência, o paciente transfere sentimentos, como amor, desejos sexuais, ódio, raiva ou inveja, do objeto original (por exemplo, do cônjuge ou da mãe) para o terapeuta.

Primeira e Segunda Tópica de Freud

Desde o texto "A interpretação dos sonhos", que marca o nascimento da psicanálise, Freud procura estabelecer uma topografia da mente. Em grego, "topos" quer dizer "lugar". Freud descreveu, portanto, dois modelos de lugares, duas tópicas: a primeira

tópica, também conhecida como topográfica, e a segunda tópica, conhecida também como estrutural. Freud elabora sua primeira tópica nos últimos anos do século XIX, e a revisará novamente em 1920 (após a qual não fica anulada a primeira).

Na primeira topografia da mente, Freud dividiu seus conteúdos e operações com base em serem eles conscientes ou não. Dentro da primeira tópica, encontramos o inconsciente, o pré-consciente e o consciente.

O pré-consciente (Psc) é o sistema situado entre o inconsciente e o consciente, separando daquele a censura. Ele funciona como uma espécie de peneira que seleciona aquilo que pode ou não passar para o consciente. É formado por aqueles sentimentos, pensamentos, fantasias etc. que não estão presentes na consciência, mas que podem ser feitos presentes em qualquer momento. Não há que vencer grande resistência para que se façam conscientes. O pré-consciente funciona de acordo com as leis da lógica.

O consciente (Cs) é o sistema que nos faz nos relacionar de forma direta com a realidade através de tudo o que percebemos. É o sistema do aparelho psíquico que recebe ao mesmo tempo as informações do mundo exterior e as do mundo interior da consciência, destacando-se o fenômeno da percepção do mundo exterior, a atenção, o raciocínio. Através da consciência, conhecemos as coisas em forma reflexiva. No entanto, para a teoria psicanalítica não é só o sistema consciente que percebe. Também o inconsciente e o pré-consciente estão presentes no momento de perceber. Essa presença faz com que muitas vezes a percepção esteja distorcida por algum desejo inconsciente que esteja incidindo.

Em virtude de sua proximidade funcional, os sistemas Cs e Pcs foram agrupados como sistemas Cs-Pcs. A relação entre os dois é facilmente compreensível. Um pensamento que num determinado momento pertencer ao sistema Cs fará parte do sistema Pcs instantes depois, quando a atenção tiver sido retirada dele e ele já não for consciente.

Inversamente, pensamentos, desejos etc. que até então pertenciam ao sistema Pcs tornam-se conscientes e, por conseguinte, passam a fazer parte do sistema Cs.

Já o sistema inconsciente (Ics) é constituído por conteúdos recalcados aos quais foi recusado o acesso ao sistema pré-consciente-consciente pela ação do recalque originário e recalque *a posteriori.* O recalque originário é o processo hipotético descrito por Freud como primeiro momento da operação do recalque. Tem como efeito a formação de certo número de representações inconscientes ou “recalcado original”.

Os núcleos inconscientes assim constituídos colaboram mais tarde no recalque propriamente dito pela atração que exercem sobre os conteúdos a recalcar, conjuntamente com a repulsão proveniente das instâncias superiores.

Freud apresentou desde o início que o sujeito modifica *a posteriori* os acontecimentos passados e que essa modificação lhes confere um sentido e mesmo uma eficácia ou um poder patogênico. O conteúdo do sistema Ics são representantes das pulsões e são regidos pelos mecanismos específicos do processo primário, principalmente a condensação e o deslocamento.

Fortemente investidos pela energia pulsional, esses conteúdos procuram retornar à consciência e à ação (retorno do recalcado), mas só podem ter acesso ao sistema Pcs-Cs nas formações de compromisso (formação de compromisso – forma que o recalcado assume para ser admitido no consciente, retornando no sintoma, no sonho e, mais geralmente, em qualquer produção inconsciente), depois de terem sido submetidos às deformações da censura. São, mais especialmente, desejos da infância que conhecem uma fixação no inconsciente.

Sobre a condensação e o deslocamento, podemos dizer que o deslocamento é a importância, o interesse, a intensidade de uma representação ser suscetível de se destacar dela para passar a outras representações, originariamente menos intensas, ligadas à primeira por uma cadeia associativa; e a condensação é uma representação

única que está ligada a várias cadeias associativas produzidas pelo deslocamento. A condensação é o resultado, enquanto o deslocamento é causa.

Na medida em que aumentava sua compreensão do sistema Ics, Freud percebeu que seus conteúdos não eram tão uniformes quanto pensara que fossem. Verificou que existiam outros critérios, além do impedimento ativo de penetração da consciência, que se podiam aplicar aos conteúdos e processos da mente e, quando pareceu que a aplicação desses novos critérios resultaria em agrupamentos de conteúdos e processos mentais mais homogêneos e úteis que os permitidos pelo critério antigo, formulou uma nova hipótese a respeito dos processos mentais, que ficaria conhecida como hipótese estrutural ou também segunda tópica.

Cada uma das estruturas mentais que Freud propôs em sua nova teoria é, na realidade, um grupo de conteúdos e processos mentais relacionados entre si funcionalmente. Elas são chamadas de id, ego e superego.

O id é o polo pulsional. Na segunda tópica, pulsão de vida e pulsão de morte pertencem a ele. No id não há lugar para a negação, nem o princípio da não contradição. Ele ignora os juízos de valor, o bem, o mal e a moral. Freud diz que na origem tudo era id.

O ego se desenvolveu a partir do id, sob a influência persistente do mundo externo. Sob o ponto de vista econômico, o id é, a um só tempo, um reservatório e uma fonte de energia psíquica. Do ponto de vista funcional ele é regido pelo princípio do prazer; logo, pelo processo primário.

Do ponto de vista da dinâmica psíquica, ele abriga e interage com as funções do ego e com os objetos, tanto os da realidade exterior quanto aqueles que, introjetados, estão habitando o superego, com os quais quase sempre entra em conflito, porém, não raramente, o id estabelece alguma forma de aliança.

É importante ressaltar e esclarecer sobre o processo primário e o secundário e sua relação com o pensamento. Podemos dizer que:

O processo primário é o modo original ou primário pelo qual funciona o aparelho psíquico. O id funciona em conformidade com o processo primário durante toda a vida e o ego também o faz durante os primeiros anos, quando a organização é imatura e ainda muito semelhante à do id.

Duas características do processo primário:

- Tendência à gratificação imediata;
- Facilidade com que a catexia pode ser deslocada de seu objeto original ou de seu método de descarga, no caso de estarem estes bloqueados ou inacessíveis, para ser descarregada através de um caminho análogo ou mesmo bem diferente;
- Modalidade de pensamento.

O pensamento de processo primário é o modo de pensamento característico dos anos de infância, quando o ego é ainda imaturo. Suas características são:

- Ausência de quaisquer conjunções negativas, condicionais ou outras qualificativas;
- Apenas no contexto é que se pode determinar se algo afirmado deve ser compreendido no sentido positivo ou negativo. Podem coexistir pacificamente ideias mutuamente contraditórias. É frequente a representação por alusão ou analogia e parte de um objeto, de lembrança ou ideia pode ser usada para representar o todo e vice-versa. Vários pensamentos diferentes podem ser representados por um só pensamento ou imagem. Não há um sentido de tempo.

Quanto ao processo secundário, este se desenvolve gradativa e progressivamente durante os primeiros anos de vida, e é característico das atividades do ego relativamente maduro.

A ênfase está na habilidade ou capacidade de retardar a descarga da energia catéxica. Com relação ao pensamento no processo secundário, ele é o pensamento comum, consciente, como o conhecemos pela introspecção, isto é, primariamente verbal e obedecendo às leis habituais de sintaxe e lógica.

O ego é o polo defensivo do psiquismo. É um mediador. Por um lado, pode ser considerado como uma diferenciação progressiva do id, que leva a um continuo aumento do controle sobre o resto do aparelho psíquico.

Por outro ponto de vista, o ego se forma na sequência de identificações com objetos externos, que são incorporados ao ego.

De qualquer forma, o ego não é uma instância que passa a existir repentinamente, é uma construção.

O ego não é equivalente ao consciente, não se superpõe ao consciente, nem se confunde com ele. O ego tem raízes no inconsciente, como é o caso dos mecanismos de defesa, que são funções do ego, assim como o desenvolvimento da angústia.

A função do ego é mediadora, integradora e harmonizadora entre as pulsões do id, as exigências e ameaças do superego e as demandas da realidade exterior.

Ao contrário do id, que é fragmentado em tendências independentes entre si, o ego surge como uma unidade, e com instância psíquica que assegura a identidade da pessoa. Ele também tem a função de consciência e assegura a autoconservação.

O superego é o herdeiro do Complexo de Édipo. É estruturado por processos de identificação. A identificação com o superego dos pais. Assume três funções: autoconservação; consciência moral; e função de ideal – ideal de ego.

O superego é constituído pelo precipitado de introjeções e identificações que a criança faz com aspectos parciais dos pais, com as proibições, exigências, ameaças, mandamentos, padrões de conduta e o tipo de relacionamento desses pais entre si.

Conceitos Fundamentais: Id, Ego e Superego

No princípio era o id. Assim, nós nascemos. Ao nascimento o id compreende a totalidade do aparelho psíquico. O id constitui o polo pulsional da personalidade.

Seus conteúdos são expressão psíquica das pulsões e são inconscientes. Esses conteúdos são, por um lado, hereditários e inatos e, por outro lado, recalcados e adquiridos. É importante ressaltar que a pulsão é um conceito diferente de instinto.

Ela consiste em uma pressão ou força que faz o organismo tender para um objetivo.

Ela tem a sua fonte numa excitação corporal (estado de tensão) e o seu objetivo ou meta é suprimir o estado de tensão que reina na fonte pulsional. É no objeto ou graças a ele que a pulsão pode atingir a sua meta. A pulsão está no limite, portanto, entre o somático e o psíquico.

O id não tolera a tensão. Se a tensão atinge certo nível, o id trata de descarregá-la. O id é regido pelo princípio do prazer, ou seja, sua função é procurar o prazer e evitar o sofrimento. O id não conhece a lei, a ética. Ele funciona sob outra lógica.

O ego se diferencia a partir do id. Esta diferenciação do ego começa por volta dos primeiros meses de vida, estabelecendo-se de modo completo na idade de dois a três anos, embora se produzam grandes crescimentos e muitas alterações também depois

desta idade em função das experiências do sujeito. A diferenciação do ego se dá em função da necessidade do id.

Na tenra infância, a atitude da criança pequena é muito simples e eminentemente prática: "Deem-me o que eu quero!" ou "Façam o que eu quero!". A única importância subjetiva que originalmente o ambiente tem para a criança é a de ser possível fonte de gratificação ou descarga de seus desejos, necessidades e tensões psíquicas, que surgem dos impulsos e que constituem o id.

O ambiente é também, de forma complementar, possível fonte de sofrimento e aflição e, neste caso, a criança procura evitá-lo.

O interesse original do bebê por seu meio ambiente é o de considerá-lo uma possível fonte de gratificação. Assim, as partes da psique que dizem respeito à exploração do ambiente se transformam gradativamente naquilo que chamamos de ego.

O ego é aquela parte do sistema psíquico que se relaciona com o meio ambiente objetivando alcançar o máximo de gratificação ou descarga para o id.

O ego opera pelo princípio da realidade: a gratificação das pulsões é protelada até o momento em que o prazer máximo possa ser obtido com um mínimo de dor ou consequências negativas. O ego funciona para controlar as pulsões, mas não as inibe. É a parte racional da mente, serve como mediador entre o id e o mundo externo, e opera parte em nível consciente e parte em nível inconsciente. Suas funções requerem que leve em conta três fatores separados: os desejos do id, a situação corrente e o código moral do superego.

Ele é o responsável pela motilidade: é ele que "levanta" você de manhã. Ele é o componente executivo da mente. São do ego também os mecanismos de defesa, que são inconscientes.

Estácio

Enquanto o id existe desde o nascimento e o ego começa a se desenvolver pouco depois, já o superego se desenvolve no decorrer da infância, através das experiências da criança, dos ensinamentos dos pais e do ambiente cultural. O superego representa o ramo moral do nosso funcionamento, contendo os ideais pelos quais lutamos e as punições (culpa) que esperamos quando violamos o nosso código ético. Essa estrutura funciona para controlar o comportamento, de acordo com as regras da sociedade, oferecendo recompensas (orgulho, amor próprio) para o "bom" comportamento e punições (culpa, sentimentos de inferioridade, acidentes) para o "mau" comportamento.

Diferentemente do ego, que tenta realizar os desejos do id, o superego pode fazer oposição direta ao id, tentando obstruir seus desejos. Ele pode fazer, não necessariamente o faz. O superego pode ser "corrompido" pelo id. O código moral é uma tentativa da sociedade de reprimir e até inibir a expressão das pulsões primitivas. Ser bom geralmente significa ser obediente. Ser mau significa, normalmente, ser desobediente.

A pessoa "virtuosa" normalmente inibe seus impulsos. A pessoa "pecadora" os satisfaz. Mas o id pode "corromper" o superego. Isso acontece, por exemplo, quando alguém em um ataque de fervor moralista toma medidas agressivas contra alguém "pecador". Quando o ego e, em particular, o superego não cumprem sua função de modo apropriado, fatores do id podem escapar e serem vistos. Isso acontece, por exemplo, nos atos falhos. Esquecer, por um momento, o nome de um amigo pode significar conflito inconsciente com este amigo e não somente um problema de memória. O ato falho é um equívoco na fala, na memória, em uma atuação física, provocada hipoteticamente pelo inconsciente, isto é, através do ato falho, o desejo do inconsciente é realizado.

O desejo se realiza de uma maneira evidente. O ato falho é o resultado de um compromisso entre uma intenção consciente e um desejo inconsciente ligado a ele, apresentando assim uma dupla face. Os mecanismos de formação dos atos falhos são

os mesmos da formação dos sonhos. Isto explica o fato de que nenhum gesto, pensamento ou palavra acontece acidentalmente. Por exemplo, começar uma aula dizendo "Então... encerrando...". O lapso, neste caso, seria a tradução do desejo inconsciente de encerrar, e não o de iniciar a aula. O desejo reprimido obteve satisfação por uma fresta nas defesas do superego. O sonho também nada mais é do que um resultado da luta entre o id e o superego.

O conjunto de conteúdos que forma o sonho traduz a trama de desejos não satisfeitos contidos no inconsciente da pessoa. Sonhar é a realização de um desejo reprimido. Trata-se de realização imperfeita e incompleta porque a ação do superego impede que as imagens oníricas explicitem com clareza o desejo inconsciente. A falta de clareza do sonho é exigência feita pelo superego, que libera as energias do id desde que elas tenham sua forma alterada e não cheguem ao plano consciente tal como elas realmente são. O superego garante, desta forma, o cumprimento de sua função repressora, ao mesmo tempo em que alivia, um pouco, a pressão oriunda do id.

O mecanismo de defesa chamado sublimação também expressa o resultado das tensões entre o id e o superego. Energias reprimidas se transformam e são canalizadas para um único objetivo, possibilitando ao ego exercer uma atividade socialmente aceita. O sujeito destaca-se em um determinado setor da vida social – artístico, esportivo ou intelectual – em função da concentração de energia psíquica que ali se forma. A neurose também expõe a relação entre o id e o superego. O sintoma neurótico – um desequilíbrio que se manifesta na vida consciente da pessoa – é o resultado visível de desejos que, reprimidos pelo superego, tornam-se inconscientes e procuram uma "válvula de escape" para ascenderem ao plano consciente.

Entre diferentes pessoas, o id seria visto como um componente comum da mente. Egos e superegos podem diferir consideravelmente. O superego é formado ao final da fase fálica, com a resolução do Complexo de Édipo, quando a criança internaliza as normas e as leis representadas pela figura paterna.

Os verdadeiros sentimentos ligados à fase fálica ficam ocultos no inconsciente, reprimidos por ação dessas normas morais, sobre as quais muitas outras são erguidas no decorrer da vida da pessoa. Mas os conteúdos do inconsciente não ficam lá docilmente. Eles exercem poderosa pressão para manifestar-se à luz do ego, para chegar ao plano consciente. Isto não ocorre nos anos que imediatamente se seguem. Os conflitos vão eclodir mais tarde, no início da puberdade.

O id, o ego e o superego trabalham juntos na criação de um comportamento. O id cria as demandas, o ego acrescenta as necessidades da realidade e o superego acrescenta a moral à ação que é tomada.

Conceitos Fundamentais: Pulsão, Interpretação dos Sonhos, Transferência, Resistência e Associação Livre

A pulsão é um processo dinâmico que consiste numa pressão ou força que faz o organismo tender para um objetivo.

É um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, é o representante psíquico dos estímulos que se originam no corpo e alcançam a mente, como uma medida da exigência feita à mente, no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo. Freud fala em pulsão sexual (trieb), e não em instinto (instinkt), que é um padrão de comportamento animal, hereditariamente fixado e que possui um objeto especifico, enquanto a trieb não implica nem comportamento pré-formado, nem objeto especifico. Freud distingue fonte, objeto e finalidade da pulsão, sendo a fonte somática, e o objeto variável.

A finalidade ou objetivo seria a descarga do excesso de tensão. O último elemento que Freud introduz é pressão ou força da pulsão, concebida como um fator quantitativo econômico, uma exigência de trabalho imposta ao aparelho psíquico. Em 1910, Freud

enuncia seu primeiro dualismo pulsional, com a introdução do conceito de pulsão do eu.

O conflito psíquico se faria entre a pulsão sexual (a serviço da sexualidade) e a pulsão do eu (a serviço da conservação do indivíduo). A pulsão do eu participaria da defesa contra a invasão do eu pela pulsão sexual. O trabalho clínico de Freud, entretanto, leva a outro dualismo. Ele postula a existência de uma tendência inerente ao organismo vivo a reconduzi-lo a um estado anterior de coisas, ao estado original das coisas, que é o estado inanimado, uma vez que a vida compareceu como um elemento perturbador externo a esse estado inicial. Esse impulso será denominado pulsão de morte. Aqui, a oposição se dará entre pulsão de morte e pulsão de vida.

A **pulsão de vida** impele o organismo em direção a formas cada vez mais diferenciadas, tendo um caráter unificador e, portanto, de natureza sexual.

A **pulsão de morte**, pelo contrário, impele o organismo no sentido de uma descarga imediata. Esta, por sua vez, resultaria, em última instância, no esforço mais fundamental inerente a toda substância viva, que é o retorno ao estado inanimado, com a eliminação de toda a tensão existente. (FREUD, 2009)

Os conceitos de resistência, transferência, associação livre e interpretação dos sonhos nos remetem ao método psicanalítico. A Associação livre é o método terapêutico por excelência. Na associação livre, o sujeito é orientado a dizer o que lhe vier à cabeça, deixando de dar qualquer orientação consciente a seus pensamentos.

A importância da associação livre para o método psicanalítico é tão grande que Freud a intitulou como a regra fundamental da psicanálise. Essa regra diz respeito ao compromisso assumido pelo paciente de comunicar ao analista tudo o que lhe vier à mente, independentemente de suas inibições ou do fato de achá-las insignificantes ou não. Para o psicanalista, os bloqueios no fluxo de associações livres indicam

resistência. Insinuam que a ansiedade se mantém à espreita e que está sendo reprimido um material importante.

O analista vai querer explorar essas áreas sensíveis fazendo com o sujeito tenha consciência dessas resistências e interpretando o significado subjacente. Assim, o indivíduo pode descobrir o que significam suas resistências e como elas se ajustam às outras peças do seu quebra-cabeça psicológico.

Outra pista importante é o conteúdo latente dos sonhos. Os sonhos são via régia para o inconsciente, o caminho através do qual os segredos mais profundos da mente podem ser explorados, segredos que estavam escondidos até mesmo do sonhador pelo mecanismo do recalcamento.

Segundo Freud (1985), sonhos são fenômenos psíquicos através dos quais realizamos desejos inconscientes. O sonho é o resultado de uma conciliação. Dorme-se e, não obstante, vivencia-se um desejo. Satisfaz-se um desejo, porém, ao mesmo tempo, continua-se a dormir. Ambas as realizações são em parte concretizadas e em parte abandonadas. Quando o homem dorme, a consciência "desliga-se" parcialmente para que o inconsciente entre em atividade, produzindo o sonho: através do id, os desejos reprimidos são realizados.

Freud criou o termo **conteúdo manifesto** para referir-se à experiência consciente durante o sono, correspondendo ao relato ou descrição verbal do sonho, ou seja, aquilo que o sonhante diz lembrar.

Já o **conteúdo latente** corresponde às ideias, impulsos, sentimentos reprimidos, pensamentos e desejos inconscientes que poderiam ameaçar a interrupção do sono se aflorassem à consciência claramente.

É provável também que uma pessoa se descubra experimentando fortes sentimentos positivos ou negativos por seu analista. Tais sentimentos podem expressar a

dependência, ou misto de amor e raiva que você experimentou antes contra pessoas de sua família ou outras pessoas importantes em sua vida: isso é a transferência. No processo de transferência, o sujeito transfere sentimentos, como amor, desejos sexuais, ódio, raiva ou inveja do objeto original, como o cônjuge ou a mãe, para o terapeuta. O amor representa uma transferência positiva.

O ódio ou raiva significam transferências negativas. E há também a contratransferência. A contratransferência é o conjunto das reações inconscientes do analista à pessoa do analisando e, mais particularmente, à transferência deste.

É importante também falar um pouco do narcisismo que, para a psicanálise, é um aspecto fundamental na constituição do sujeito. O amor por si próprio é necessário para confirmar e sustentar a autoestima.

A criança tem a ilusão de que o mundo gira ao seu redor e isso é decisivo nessa fase, mas para o desenvolvimento saudável é necessário que esta ilusão termine, conforme a criança se depare com frustrações e descubra que não é o centro do universo, e isso tem suas vantagens.

Pois ser "tudo" para alguém (como acreditamos, ainda bem pequenos, ser para nossa mãe) é um fardo pesado demais para qualquer pessoa. Alguns, no entanto, se iludem com o fascínio do papel e passam sua vida almejando o modelo inatingível de perfeição. Narcisismo representa um modo particular de relação com a sexualidade.

É o processo pelo qual o sujeito assume a imagem do seu corpo próprio como sua, e se identifica com ela (eu sou essa imagem).

Ele é um protetor positivo do psiquismo. O narcisismo promove a constituição de uma imagem de si unificada, perfeita, cumprida e inteira. Ultrapassa o autoerotismo para fornecer a integração de uma figura positiva e diferenciada do outro.

Freud distingue dois tipos de narcisismo: **narcisismo primário** e **narcisismo secundário**.

Narcisismo primário ➩ designa um estado precoce em que a criança investe toda a sua libido em si mesma.

Narcisismo secundário ➩ designa um retorno ao ego da libido retirada dos seus investimentos objetais.

A Sexualidade Infantil

Freud indica que houve uma negligência da ciência com relação à sexualidade infantil devido a duas possíveis causas: 1) Educação/convenção; 2) Amnésia infantil. As impressões esquecidas, entretanto, deixam marcas e se tornam determinantes para todo o nosso desenvolvimento.

Freud apresenta então as fases de desenvolvimento psicossexual, que tratam da organização da libido (energia afetiva original voltada para a obtenção de prazer) em torno de uma zona erógena, dando uma fantasia básica e uma modalidade de relação de objeto.

Fase oral (0 a 1,5 ano): ao nascimento, a estrutura sensorial mais desenvolvida é a boca. É pela boca que se conhece o mundo. O seio é a descoberta afetiva e o primeiro objeto de ligação. Neste momento, a libido está organizada em torno da zona oral. A criança ama com a boca.

Fase anal (1,5 a 3 anos): a organização psicomotora de base (falar, andar e o próprio controle dos esfíncteres) leva a libido a passar de uma organização a outra. A fantasia neste período está ligada aos primeiros produtos: as fezes. O sentimento de o que produzimos é bom é necessário para todas as relações produtivas que estabelecemos com o mundo.

Fase fálica (3 anos): A erotização passa a ser dirigida para os genitais, desenvolve-se o interesse infantil por eles, a masturbação se torna frequente e normal e a preocupação com as diferenças sexuais passam a contaminar os objetos. A discriminação sexual não caracteriza a existência de dois genitais, mas apenas a presença ou ausência do pênis.

A vagina é e continuará sendo desconhecida por muito tempo. Os homens e o gênero masculino são definidos pela presença do órgão fálico, ao passo que as mulheres pela sua ausência. A erotização dos genitais, que se inicia neste período, traz a fantasia de meninos e meninas serem portadores de um pênis. Com o desenvolvimento, a percepção correta da realidade confirmará aos olhos infantis que só o homem é portador do pênis e a mulher é castrada. É natural que durante esta fase o menino seja dirigido para a busca de uma figura feminina: a mãe é a mais próxima.

A maior parte dos vínculos de prazer na infância está ligada à mãe. Se aprender a amar é uma relação positiva, o amor incestuoso é proibido. O esquema repressor é desencadeado com a entrada do pai em cena. Ele é a lei. Está configurado o Complexo de Édipo. Assim, o menino introjeta a lei e a moral (o pai) e está encerrada esta fase e formado o superego. Na menina, é diferente: ela se afasta da mãe, pois esta não foi capaz de lhe dar um pênis, e se apega ao pai. Com a percepção da realidade, ela também desiste e seus desejos são deslocados.

O Complexo de Édipo é muito importante porque caracteriza a diferenciação do sujeito em relação aos pais. A criança começa a perceber que os pais pertencem a uma realidade cultural e que não podem se dedicar somente a ela porque possuem outros compromissos, como é o caso do trabalho, de amigos e de todas as outras atividades. A figura do pai representa a inserção da criança na cultura, é a ordem cultural.

Período de latência (6 a 12 anos): com a repressão do Édipo, a energia da libido fica temporariamente deslocada dos seus objetivos sexuais. Ela é canalizada para o

desenvolvimento intelectual e social da criança. Isto se chama "realizações socialmente produtivas".

Fase genital (12 anos em diante): os adultos que conseguiram integrar satisfatoriamente os estágios anteriores surgem neste estágio com interesse mais sincero pelos outros e uma sexualidade madura.

Mecanismos de Defesa

A percepção de um acontecimento, do mundo externo ou do mundo interno pode ser algo muito constrangedor, doloroso, desorganizador. Para evitar esse desprazer, a pessoa "deforma" ou suprime a realidade – deixa de registrar percepções externas, afasta determinados conteúdos psíquicos, interfere no pensamento. São processos realizados pelo ego e são inconscientes. Alguns dos principais mecanismos de defesa são:

Recalque: operação pela qual o sujeito procura repelir ou manter no inconsciente representações (pensamentos, imagens, recordações) ligadas a uma pulsão. O recalque produz-se nos casos em que a satisfação de uma pulsão – suscetível de proporcionar prazer por si mesma – ameaçaria provocar desprazer relativamente a outras exigências;

Formação reativa: atitude ou hábito psicológico de sentido oposto a um desejo recalcado e constituído em reação contra ele. É um contrainvestimento de um elemento consciente, de força igual e de direção oposta ao investimento inconsciente;

Regressão: num processo psíquico que contenha um sentido de percurso ou de desenvolvimento, designa-se por regressão um retorno em sentido inverso desde um ponto já atingido até um ponto situado antes desse. Um exemplo deste processo é que perante um problema o indivíduo chora, remetendo-se para a infância, quando o chorar poderia resolver muitos dos problemas;

Projeção: operação pela qual o sujeito expulsa de si e localiza no outro – pessoa ou coisa – qualidades, sentimentos, desejos e mesmo "objetos" que ele desconhece ou recusa nele. É um mecanismo de defesa muito arcaico. Um bom exemplo são os alunos que após uma nota negativa, atribuem a culpa à professora ou mesmo ao teste, pois "o teste era difícil" ou "caiu matéria que não tínhamos dado";

Racionalização: processo pelo qual o sujeito procura apresentar uma explicação coerente do ponto de vista lógico, ou aceitável do ponto de vista moral, para uma atitude, uma ação, uma ideia, um sentimento etc., cujos motivos verdadeiros não percebe. É um processo muito comum, que abrange um extenso campo que vai desde o delírio ao pensamento normal.

Negação ou negação da realidade: processo pelo qual o sujeito, embora formulando um dos seus desejos, pensamento ou sentimento até então recalcado, continua a defender-se dele, negando que lhe pertença. Provavelmente é o mais simples e direto mecanismo, pois o sujeito simplesmente se recusa a aceitar a existência de uma situação penosa demais para ser tolerada, ou seja, o indivíduo dá como inexistente um pensamento ou sentimento que, caso ele admitisse, causaria grande angústia. Pode-se ver, por exemplo, quando os pais negam o problema de saúde ou de desenvolvimento do filho. Admitir isso causaria uma grande angústia para o ego, que se defende negando o fato.
Atenção: é um processo inconsciente.

Sublimação: processo postulado por Freud para explicar atividades humanas que aparentam não ter qualquer relação com a sexualidade, mas que encontrariam o seu elemento propulsor na força da pulsão sexual. Diz-se que a pulsão é sublimada na medida em que é derivada para um novo objetivo não sexual e em que visa objetos socialmente valorizados. Um exemplo fácil é alguém que é atraído pelo fogo se tornar bombeiro, em vez de, por exemplo, de ser um piromaníaco, o que seria prejudicial para muitos. Existem outras formas de sublimação, mais sutis, como a arte. Um artista

que cria uma obra que represente os seus desejos mais condenáveis, porém, é algo aceito e valorizado socialmente.

Ainda há outros mecanismos de defesa como:

Divisão ou cisão: mecanismo descrito por Melaine Klein e por ela considerado como a defesa mais primitiva contra a angústia. O objeto, visado pelas pulsões eróticas e destrutivas, cinde-se em um "bom" e um "mau" objeto, que terão, então, destinos relativamente independentes no jogo das introjeções e projeções;

Identificação: processo pelo qual um sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo desse outro. A personalidade se constitui e se e diferencia por uma série de identificações. Permanecer nas identificações é que se constitui um problema, impedindo a formação de uma identidade singular;

Isolamento: consiste em isolar um pensamento ou um comportamento, de tal modo que as suas conexões com outros pensamentos ou com o resto da existência do sujeito ficam rompidas. São medidas que permitem estabelecer um hiato na sucessão temporal dos pensamentos ou dos atos;

Reparação: consiste na reestruturação do objeto que foi danificado. Por exemplo, um indivíduo que fala mal de uma entidade religiosa sente-se culpado e passa a rezar para restaurar o que fez e não sentir mais culpa;

Os mecanismos de defesa são determinados pela forma como se dá a organização do ego. Lidamos com eles durante toda a vida e isso não será diferente no enfrentamento dos problemas relacionados à aprendizagem. Quanto mais angustiados estivermos, mais fortes os mecanismos de defesa ficam ativados. Alguns mecanismos são mais bem-sucedidos e diminuem a ansiedade.

A fim de finalizar este ponto, vale ressaltar também os conceitos de luto e melancolia em Freud:

Luto diz respeito a uma reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém. Há perda de interesse pelo mundo externo, perda da capacidade de adotar um novo objeto de amor. Quando o trabalho do luto se conclui, o ego fica livre e desinibido.

Na melancolia, o objeto talvez não tenha realmente morrido, mas tenha sido perdido enquanto objeto de amor.

O melancólico exibe uma diminuição extraordinária de sua autoestima, um empobrecimento de seu ego em grande escala.

No luto, é o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia, é o próprio ego.

Na melancolia, as autorrecriminações são recriminações feitas a um objeto amado, que foram deslocadas desse objeto para o ego do próprio indivíduo. Há uma identificação do ego com o objeto abandonado. A sombra do objeto caiu sobre o ego. A perda objetal se transformou numa perda do ego.

O Sintoma em Psicanálise/Psicanálise e Educação

Sintoma é o resultado de uma elaboração psíquica. O ego gasta muita energia tentando manter desejos perigosos longe da consciência e da motilidade. Isto leva a uma relativa insuficiência do ego e os derivativos do conflito original irrompem de alguma forma no consciente e no comportamento.

O ego empobrecido fica incapaz de manter todo o seu potencial defensivo e é invadido a ponto de permitir alguma descarga pulsional, mesmo que distorcida.

Estas descargas se manifestam clinicamente como os sintomas. Os sintomas psíquicos são prejudiciais ou pelo menos inúteis à vida da pessoa, que se queixa deles como sendo indesejáveis e causadores de sofrimento. O sujeito diz que se sente mal por alguma coisa; quer seja um pensamento, uma atitude ou um acontecimento, mas não consegue resolver sozinho a questão na maior parte das vezes.

O sintoma é algo que se repete. Para Freud, o sintoma tem sempre um sentido inconsciente e possui uma íntima conexão com as experiências pessoais do sujeito. Está sustentado por uma fantasia infantil. Se causa sofrimento porque a pessoa continua vivendo o sintoma? Onde existe sofrimento há também prazer. Um prazer inconsciente.

Ao mesmo tempo em que a pessoa sofre, ela também sente prazer, por isso que é tão difícil conseguir parar de repetir e deixar de produzir sintoma. O sintoma, neste sentido, deve ser compreendido como o lugar de um sofrimento que proporciona satisfação sexual para o indivíduo sem que ele o saiba. Ele não deve ser "eliminado". Ele faz sentido na vida do sujeito e deve ser compreendido.

Não só psicanalistas têm se interessado pelo sintoma. O mal-estar no campo da educação e as questões sobre o fracasso escolar têm produzido um diálogo importante com a psicanálise, especialmente a partir das considerações que problematizam a aproximação psicanálise-psicopedagogia. Nesse sentido, um estudo aprofundado do conceito de sintoma no interior da psicanálise se torna fundamental para a psicopedagogia e para o entendimento dos problemas de aprendizagem, seja na escola, seja em qualquer outra instituição.

A dificuldade de aprendizagem do sujeito é um sintoma que precisa ser compreendido. Ele não deve ser "eliminado", como já foi a intenção dos processos psicopedagógicos em história pregressa. Ele tem um sentido que deve ser compreendido.

A psicanálise de Freud é uma teoria, um método investigativo e uma prática profissional que discute e estuda o desenvolvimento psicológico normal e patológico. Seu foco de atenção dirige-se à relação entre as energias que se entrelaçam em torno do desenvolvimento psicossexual dos sujeitos.

A partir de seus conhecimentos, o psicopedagogo orienta os sujeitos e constrói práticas estimuladoras, que possibilitam desenvolver o prazer nas relações de aprendizagem, contemplando o sujeito como um ser que possui uma energia sexual que deve ser expressa.

Freud nos diz que não existe a mínima possibilidade de vivermos coletivamente sem que cada indivíduo aprenda sentimentos como solidariedade, fraternidade e cooperação. E estes sentimentos são aprendidos, pois, segundo ele, não são próprios do ser humano. São resultados de aprendizagem e, portanto, precisam ser ensinados pela família e pela escola.

Desenvolver sentimentos desse tipo, construtores da sociabilidade, não é tarefa fácil. As crianças nascem com pulsões totalmente não socializadas, egoístas, que buscam exclusivamente o prazer a qualquer custo. Essas energias que formam o id precisam ser reprimidas para que parte delas possa ser convertida – sublimada – em favor da vivência grupal.

Então precisamos de uma educação repressora? Uma escola repressora?
Não é bem assim.

É necessário um equacionamento entre liberdade e autoridade, terreno em que o profissional é colocado quando opta pelo paradigma psicanalítico como guia de suas ações. E é por isso que Freud fala, dentro de seus textos, da necessidade dos educadores (e aqui estamos falando de professores, psicopedagogos, pais...) também serem submetidos à terapia, pois através desta teríamos a possibilidade de estarmos equilibrados o suficiente para apresentar este equilíbrio para as crianças e jovens.

Outra decisão fundamental, vinculada à primeira, refere-se às finalidades sociais e políticas em que situa o seu trabalho. Somente uma ampla reflexão sobre esses temas permitirá encontrarmos o caminho que melhor possibilite à psicanálise oferecer contribuições para a psicopedagogia.

Mas do que conhecer teoricamente os conceitos, o importante aqui é relacioná-los com a prática da psicopedagogia, clínica ou institucional, pois o desejo estará, sempre, atrelado ao conhecimento, à aprendizagem, à não aprendizagem, aos processos de grupo, ao adoecimento, à cura e ao tratamento.

Referências

CHEMAMA, R**. Dicionário de psicanálise.** Porto Alegre: Artmed, 2007.

FERNANDEZ, A. **A inteligência aprisionada**. Porto Alegre: Penso, 2016.

FREUD, S. (2009). Conferência XVII. O sentido dos sintomas. In S. Freud, **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud** (J. Salomão, trad., v. 16, p. 265-279). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1917[1916-17]).

FREUD, S. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. V. XXII, Rio de Janeiro: Imago, 2009. p. 13-220.

FREUD, S. O ego e o id. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 2009. p. 11-83.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, 1905**.** In: **Obras completas de Sigmund Freud**: um caso de histeria e três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Rio de Janeiro: Imago, 2009. p. 163-195.

FREUD, S. (1985). A ansiedade. Conferências Introdutórias sobre Psicanálise. **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.** Vol. XVI. Rio de Janeiro: Imago. Pp. 457-479. (Trabalho publicado originalmente em 1916/1917)

GARCIA-ROZA, A**. Freud e o inconsciente.** 24. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

KUPFER, M.C. **Freud e a educação** – o mestre do impossível. Rio de Janeiro: Scipione, 1995.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. **Vocabulário de psicanálise.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

T. BENJAMIN JR., Ludy**. Uma breve história da psicologia moderna.** São Paulo: LTc, 2009.

ZIMERMAN, D. E. **Manual de técnica psicanalítica**. Porto Alegre: Artmed, 2004.